





DOMINAÇÃO



REVOLUÇÃO

EDITORIAL

Um ano e meio é já passado desde que, em 25 de Setembro de 1964, o povo Moçambicano, sob a direcção da FRELIMO, pegou em armas contra os colonialistas portugueses.

Foram 18 meses de luta. Uma luta dura, sem tréguas. Uma luta durante a qual o inimigo aprendeu a conhecer bem o valor dos nossos guerrilheiros e do nosso povo. Mais de 2.000 soldados portugueses foram mortos. Dezenas de camiões militares foram pelos ares. 15 aviões foram abatidos. Grande quantidade de material de guerra foi destruído ou capturado ao inimigo. Grandes áreas do nosso país foram libertadas da dominação colonial. Aí os portugueses já não mandam, o povo já não vive sob a lei colonialista, não obedece à vontade estrangeira. Já não há PASSE, o povo já não paga o imposto aos colonialistas portugueses e ninguém é levado para o trabalho forçado.

Nas áreas libertadas, é o povo Moçambicano, é a sua organização, a FRELIMO, que governa. É a FRELIMO que organiza a produção, administra a Justiça, cria e mantém escolas e hospitais. É a FRELIMO que realiza todas as tarefas próprias de um Estado independente.

Estas vitórias encorajam-nos, estimulam-nos. Elas provam que a nossa Revolução vai triunfar, e que a nossa Pátria em breve será livre.

Mas é preciso termos bem presente que não podemos dormir sobre os exitos alcançados. Aquilo que temos feito é muito, mas não é quase nada quando comparado com o imenso trabalho que ainda temos de realizar.

Temos de estender a luta armada às outras regiões de Moçambique. Temos de consolidar as nossas posições nas regiões já libertadas. Temos de criar quadros para desempenharem as várias funções político-administrativas.

Mas na fase actual o trabalho mais urgente que temos é **MOBILIZAR POLITICAMENTE O POVO**. É dessa mobilização que depende a nossa vitória. O inimigo pode ter mais ou melhores armas. Isso não importa, porque se todo o povo avançar ao mesmo tempo, o inimigo será como que "engolido" pelo mar de gente representado pelo nosso povo.

A palavra de ordem mais urgente que a FRELIMO dirige aos seus militantes é portanto mobilizar politicamente o povo.

MAS O QUE É A MOBILIZAÇÃO POLITICA ?

A mobilização política consiste em explicar ao povo PORQUE É que lutamos e PARA QUE É que lutamos. É preciso que o povo saiba bem que nós lutamos para a expulsão dos colonialistas portugueses e para a libertação de Moçambique, para que voltem a existir no nosso país o Progresso, a Liberdade e a Igualdade. Acabar com a miséria, a escravidão e a discriminação.

Cada Moçambicano que foi explicado, e que compreendeu os fins da nossa Revolução, é um Moçambicano ganho para a nossa causa, é um Moçambicano pronto para entrar na luta. Porque só a ignorância pode levar um Moçambicano a colaborar com os portugueses, seus opressores e exploradores, e a lutar contra a FRELIMO, que trabalha para a libertação de todo o povo. Todo o militante da FRELIMO tem pois o dever de explicar aos camaradas que não sabem, as razões e os objectivos da nossa Revolução. Ensinar-lhes os princípios e o programa da FRELIMO.

Esta explicação tem de ser clara, simples, consciente, ilustrada com exemplos. Assim, não basta recitar o programa da FRELIMO. É preciso dizer claramente qual é o sentido, o que é que aquilo quer dizer. E também, adaptar a explicação à situação geral e local. Nas áreas onde os colonialistas portugueses prendem Moçambicanos para o trabalho forçado, por exemplo, o militante deve explicar ao povo todos os aspectos do trabalho forçado, as suas causas, quem é que lucra com ele - e esclarecer que a FRELIMO luta para acabar com o trabalho forçado em Moçambique (Programa, No 15, al. a). Nas zonas industriais, onde os trabalhadores brancos não trabalham quase nada e recebem grandes salários, enquanto os Africanos fartam-se de trabalhar e não ganham quase nada - o povo deve saber que a FRELIMO luta para que em Moçambique haja "salário igual para trabalho igual, sem discriminação racial ou de sexo" (Programa, No 15, al. e). No campo, o povo deve ser explicado que a FRELIMO vai expulsar os colonialistas portugueses para restituir as terras ao povo. É assim, tendo em conta a situação geral e também a situação particular de cada região, que a mobilização política deve ser feita. Desta maneira, chamando todo o povo a participar na Revolução, conseguir-se-à aquilo que, no plano da luta armada, é mais importante:

- a- Que o povo apoie os guerrilheiros, dando-lhes alojamento, comida, e informações sobre o inimigo;
- b- Que o povo esteja ele próprio pronto para pegar em armas em

qualquer momento, integrado nas milícias populares;

- c- Que o povo das regiões libertadas aumente a produção - tendo em vista conseguir que a FRELIMO se abasteça a si própria e consiga desde já a sua autonomia económica.

É NO POVO QUE RESIDE A FORÇA DA FRELIMO !

CADA MILITANTE DEVE FAZER PROPAGANDA REVOLUCIONÁRIA NO SEIO DO POVO !

Para que CADA MOÇAMBICANO SE TORNE UM MILITANTE AO SERVIÇO DA REVOLUÇÃO.

* * * * *

5o ANIVERSÁRIO DA C.O.N.C.P.

No dia 21 de Abril de 1966 fez 5 anos que teve lugar em Casablanca, Marrocos, a 1a CONFERENCIA DAS ORGANIZAÇÕES NACIONALISTAS DAS COLÓNIAS PORTUGUESAS.

Por esta ocasião, a FRELIMO faz votos para que a C.O.N.C.P., a Frente Unida dos povos das colónias portuguesas em luta contra o colonialismo português e o imperialismo, continue a realizar com sucesso a sua missão.

A FRELIMO sauda o Secretariado Permanente da C.O.N.C.P., as organizações membros e os povos de todas as colónias portuguesas, e deseja-lhes novas vitórias no combate pela conquista de uma verdadeira Independência Nacional.

* * * * *

O IMPERIALISMO

O Imperialismo é o maior inimigo dos povos que querem a liberdade e a paz. O imperialismo é responsável pelas guerras que existem no mundo, pela miséria e sofrimento dos povos. É por causa do Imperialismo que Moçambique vive ainda hoje submetido a outro país, Portugal, que escraviza o seu povo e rouba as suas riquezas.

É preciso portanto conhecermos este nosso inimigo para podermos lutar contra ele.

O QUE É O IMPERIALISMO ?

A palavra IMPERIALISMO está relacionada com a palavra IMPÉRIO. Um Império é um conjunto de países dominados por outro materialmente mais forte. Há países que tem material de guerra aperfeiçoado, um exército forte - e que usam a sua força para dominar e submeter outros países. IMPERIALISMO é precisamente a política desses países que pretendem construir impérios, que atacam outros povos pacíficos para os explorar.

PORQUE É QUE HÁ PAÍSES QUE ATACAM OUTROS ? Porque é que há países que não se contentam com as riquezas que têm na sua terra, e querem roubar também as riquezas que pertencem a outros povos ?

A resposta é esta: é porque o roubo, a exploração são exigidos pelo sistema económico em que esses países vivem. Esse sistema económico é o CAPITALISMO.

No sistema capitalista quem mandam são os capitalistas, isto é, os homens ou as companhias que tem muito dinheiro (capitais). O dinheiro que esses homens ou companhias tem é conseguido à custa da exploração dos trabalhadores e riquezas do próprio país, e depois à custa da exploração dos trabalhadores e riquezas de outros países.

COMO É QUE OS CAPITALISTAS EXPLORAM OS TRABALHADORES ?

Pagando com salários muito baixos o trabalho realizado pelos trabalhadores, enquanto que o lucro que eles tem é muito grande. Vejamos um exemplo:

Um capitalista monta uma fábrica de sapatos. Gastou nas máquinas e instalações 1.000 contos. As máquinas vão durar 10 anos, de modo que lhe saem a 100 contos por ano. Os salários que ele paga aos trabalhadores são de 200 escudos por mes: como ele tem empregados 100 trabalhadores, ele gasta por mes em salários 20 contos, e

por ano 240 contos. Tem portanto um total de despesas de 340 contos (240 + 100).

Mas durante esse ano produz 6.000 pares de sapatos, que vende a 100 escudos cada par, recebendo portanto 6.000 x 100 esc., ou seja 600 mil escudos. O capitalista lucrou portanto 260 contos (que é a diferença entre o que ele recebeu - 600 contos, e o que ele gastou - 340 contos.

Ora bem: se o trabalho foi dos operários, isso quer dizer que esses 240 contos de lucro foram ganhos pelo capitalista à custa da exploração do trabalho dos operários. Portanto, quem tem verdadeiramente direito a esse lucro são os operários, e não o capitalista que ficou de barriga para o ar, não participou no trabalho, e no fim embolsou todo o dinheiro. Os trabalhadores são obrigados a aceitar esta exploração capitalista para não serem despedidos e não perderem o emprego. Mas por vezes eles revoltam-se: e então fazem greve, recusando-se a trabalhar até que o patrão aumente os seus salários. O patrão porém não quer aumentar, porque quer ganhar o mais possível: de modo que os operários e os capitalistas estão sempre em luta.

Quando os capitalistas começaram a desenvolver-se muito, a construir muitas fábricas, a produzir muitos artigos - eles sentiram a falta de matérias primas. As fábricas que produziam máquinas, por exemplo, precisavam de ferro: e todo o ferro do país tinha-se acabado. As fábricas que produziam pneus para carros precisavam de borracha: e já não havia borracha no território. As fábricas não podiam mais trabalhar, a indústria corria o risco de morrer. Foi então que, na segunda metade do séc. XIX, os países europeus (foi na Europa que o capitalismo primeiramente se desenvolveu) descobriram que na África havia muitas das riquezas de que eles necessitavam. E sendo ladrões por natureza, os capitalistas decidiram roubar essas riquezas, em vez de as comprar. Como sabiam que os povos africanos não tinham armas iguais às deles, nem exércitos fortes, eles, utilizando a sua força militar, invadiram a África, submeteram os povos africanos, e começaram a roubar as riquezas do nosso Continente. O mesmo aconteceu com a Ásia e a América Latina - e assim os tres Continentes, AFRICA, ASIA e AMERICA LATINA ficaram dominados e explorados pelos capitalistas.

Esta exploração de outros países pelos capitalistas é que é o IMPERIALISMO. O IMPERIALISMO é portanto um capitalismo em grande escala e ao nível internacional.

.../...

Para melhor controle dos países que estavam a explorar, os imperialistas estabeleceram aí uma dominação directa, ocuparam eles próprios o território, mandando para lá policcias e tropas, estabelecendo uma máquina administrativa: os territórios assim dominados directamente chamam-se COLÓNIAS.

Mas quando os povos das colónias se revoltaram e entraram em luta contra os imperialistas, muitos deles resolveram mudar de tática: tiraram a tropa, a policcia e a sua administração dessa colónia, mas colocaram um governo fantoche, isto é, formado por naturais do país mas dirigido, tele-guiado por eles. Esse governo fantoche deixa os imperialistas continuarem a explorar o povo e as riquezas naturais, exactamente como dantes. É o que se chama NEO-COLONIALISMO.

Colonialismo e Neo-colonialismo são portanto duas manifestações diferentes da mesma realidade. São ambos PRODUTOS DO IMPERIALISMO. Quando nós lutamos contra o colonialismo portuguez estamos pois a lutar contra o Imperialismo.

Claro que Portugal não é o único país imperialista: há muitos outros, que são muito mais fortes do que Portugal. O país imperialista mais forte e mais perigoso, hoje, é os Estados Unidos da América.

Este país desenvolveu-se muito, tornou-se mais forte do que qualquer dos outros países capitalistas. E hoje, os Estados Unidos da América são a 1ª potencia imperialista do mundo. A América neste mesmo momento tem cerca de 400.000 soldados americanos no Vietnam do Sul, para combaterem o povo daquele país que luta pela sua liberdade. A América enviou tropas para o Congo, para lutarem contra os nacionalistas. Enviou tropas para Cuba, para tentarem deitar abaixo o regime revolucionário de Fidel Castro. Em todo o mundo os Estados Unidos da América tentam intervir, procurando criar governos que sirvam os seus interesses. No que respeita à nossa luta, os E.U. da América dão armas e dinheiro a Portugal, que são usados contra o povo Moçambicano em luta. A América vota contra a nossa independencia nas Nações Unidas. Em suma, todas as características do Imperialismo que apontámos - roubo, agressão, exploração - estão presentes com a maior intensidade na política dos Estados Unidos da América.

É preciso conhecermos bem os nossos inimigos. Se soubermos quem eles são e como eles manobram, estaremos em melhores condições de lutar contra eles.

O nosso inimigo directo hoje é o colonialismo. E o colonialismo é um produto do Imperialismo.

1ª CONFERENCIA TRICONTINENTAL

De 3 a 15 de Janeiro de 1966, teve lugar em Havana, CUBA, a 1ª Conferencia dos Povos da África, da Ásia e da América Latina - chamada também CONFERENCIA TRICONTINENTAL.

Esta Conferencia foi sem duvida alguma, um dos mais importantes acontecimentos mundiais dos ultimos tempos. Incontestavelmente, ela foi uma das mais vastas assembleias populares que jamais tiveram lugar em toda a História da Humanidade.

Alem disso, agrupando os povos da África, da Ásia e da América Latina, a Tri-Continental realizava a unidade das forças populares do chamado Terceiro Mundo, as forças populares dos países sub-desenvolvidos, quer dizer, todos os povos que lutam para conquistar a sua independencia - ou para a consolidar.

A 1ª Conferencia Tri-Continental tem pois um significado histórico: ela consagra a UNIÃO das forças que compõem o movimento geral de libertação nacional.

Consciente deste facto, e da sua importancia histórica, A FRELIMO SAUDA OS POVOS DA ÁFRICA, DA ÁSIA E DA AMERICA LATINA, E FELICITA-OS PELA UNIDADE REALIZADA, A QUAL FOI CONCRETIZADA PELA CRIAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DE SOLIDARIEDADE DOS POVOS DA ÁFRICA, DA ÁSIA E DA AMÉRICA LATINA (OSPAAA).

Estiveram presentes na Conferencia Tri-Continental cerca de 800 delegados, representando 82 países, da África, da Ásia e da América Latina.

Moçambique também esteve presente. A nossa delegação, a delegação da FRELIMO, era composta pelos camaradas: MARCELINO DOS SANTOS, chefe da delegação; MARIANO MATSINHE, PASCOAL NHANPULE, JOSINA MUTHEMBA e MADALENA JIVANGIRA. As outras colónias portuguesas também estiveram presentes na TRICONTINENTAL, e foram representadas pelo MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA, PARTIDO AFRICANO DA INDEPENDENCIA DA GUINÉ E CABO VERDE, e COMITE DE LIBERTAÇÃO DE S. TOMÉ E PRINCIPE.

Tanto a FRELIMO como as outras organizações das colónias portuguesas desempenharam um papel importante na Conferencia.

Nós apresentámos aos representantes dos povos da África, da Ásia e da América Latina, a realidade da nossa luta: a nossa acção de guerrilhas contra as forças colonialistas portuguesas, o nosso trabalho nas áreas semi-libertas. Dissemos a coragem com que lutam os

guerrilheiros, e contamos como as mulheres, os jovens e todo o povo moçambicano participa na luta. Informámos também os nossos camaradas da África, da Ásia e da América Latina sobre os crimes que os colonialistas portugueses cometem, e denunciámos o apoio que os países ocidentais como a França, Alemanha Ocidental, Estados Unidos da América, Inglaterra, Bélgica e outros dão a Portugal, e que permite a este continuar a resistir à nossa acção.

Mas nós não nos ocupámos só dos problemas da nossa terra. Durante a Conferencia nós trabalhámos bastante para contribuir para criarmos as maneiras práticas de unir as forças revolucionárias dos povos da África, da Ásia e da América Latina na luta geral e comum contra o colonialismo, o neo-colonialismo e o imperialismo. Nós mostrámos em particular que para conseguirmos uma verdadeira independência nacional - política e económica - é necessário que em cada país haja organizações populares, fortes, bem estruturadas e que lutem, sem compromissos, e por todos os meios necessários - inclusive a luta armada, contra o colonialismo, o neo-colonialismo e o imperialismo.

A Conferencia tomou diversas resoluções, sendo a principal a criação da ORGANIZAÇÃO DE SOLIDARIEDADE DOS POVOS DA ÁFRICA, DA ÁSIA E DA AMÉRICA LATINA (OSPAAA).

A sede é em Havana, CUBA.

A Organização criou:

- um secretariado executivo composto por um secretário geral, mais 12 membros (4 por cada Continente, isto é, 4 da África, 4 da Ásia e 4 da América Latina).

(Nota: As colónias portuguesas, conjuntamente, foram eleitas membros do Secretariado).

- um Comité de ajuda, composto de 12 membros, 4 por Continente, afim de dar apoio material à luta de todos os povos da AAA contra o colonialismo, o neo-colonialismo e o imperialismo.

Além disso, a Conferencia votou resoluções contra o colonialismo português, e em favor dos povos das colónias portuguesas, e declarou o seu apoio integral à FRELIMO, única organização Moçambicana e representante legítima do povo moçambicano, assim como ao M.P.L.A., ao P.A.I.G.C. e ao C.L.S.T.P..

VIVA A UNIÃO DAS FORÇAS REVOLUCIONÁRIAS DA
ÁFRICA, ÁSIA E AMÉRICA LATINA !

COMUNICADO DE GUERRA

A principal preocupação dos soldados portugueses, nas zonas de combate, é arranjar comida. O êxodo das populações para as regiões semi-libertadas privou as autoridades portuguesas do trabalho forçado, que elas utilizavam para o cultivo dos campos pertencentes aos postos administrativos e postos militares.

Também, o helicóptero que os portugueses utilizavam para abastecer os postos militares e as guarnições, foi abatido pelos nossos guerrilheiros.

Sem comida, muitas vezes sem munições, desmoralizados, os soldados portugueses perderam toda a capacidade ofensiva. Eles já não lutam pela "defesa da pátria". A sua preocupação única é agora defender a sua vida - sobreviver.

Esta situação criamo-la nós, com os nossos constantes ataques e emboscadas, com a nossa acção de politização do povo.

Durante o mês de Março os Portugueses abandonaram os postos militares de IMBUHO, PEMBA, SAGAL, o posto administrativo de CHAI e o posto e quartel de MAVACO.

Um helicóptero militar português foi abatido em NANGADE.

Em MAVACO, um capitão e um administrador foram mortos durante um ataque ao quartel.

Mais de 100 soldados portugueses foram mortos em Moçambique durante o período de 7 a 28 de Março em Cabo Delgado, e 26 de Fevereiro a 2 de Março no Niassa.

PROVINCIA DE CABO DELGADO:

1. No dia 14 de Março, às 6 horas da manhã, os nossos guerrilheiros emboscaram 2 camiões militares portugueses em CHELUMA, na estrada entre Nanglolo e Miteda. A maior parte dos soldados andavam a pé, à frente dos camiões, batendo no chão com paus para tentar detectar minas. Os nossos guerrilheiros atacaram-nos com fogo de bazooka e metralhadora. Os camiões foram destruídos. Dez soldados foram mortos e outros fugiram. Foram capturadas espingardas, munições e uma metralhadora ligeira, ca. V,62, No 6459, de fabrico Belga.
2. Em 16 de Março foi abatido um helicóptero militar português na zona de Nangade. O helicóptero costumava ir regularmente de Mueda, com mantimentos para uma companhia inimiga que estava acampada naquela área.

3. No dia 19 de Março, um grupo de soldados que roubava mandioca num dos campos da FRELIMO, em NYINYI, foi emboscado pela população local, armada de canhangulos e enquadrada por militantes da FRELIMO. Tres soldados portugueses foram mortos e 2 foram gravemente feridos. Um guerrilheiro da FRELIMO foi ferido durante o ataque.
4. Nos dias 23, 24 e 28 de Março, 4 carros militares portugueses foram emboscados e destruidos por guerrilheiros da FRELIMO, nas zonas de NG'APA, MITEDA E PALMA. Um sargento, 2 cabos e 12 soldados portugueses foram mortos durante estas operações. 2 militantes da FRELIMO foram mortos e 4 ficaram feridos, sacrificando-se pela libertação do nosso país.

PROVINCIA DO NIASSA:

1. Em 27 de Fevereiro, às 11 h. da noite, os nossos guerrilheiros atacaram o quartel de MAVACO. Quando se tinham aproximado e se preparavam para abrir fogo, aproximou-se um "jeep" vindo do posto administrativo, com um capitão, um sargento e 2 soldados. O carro parou a cerca de 10 metros do local onde os nossos guerrilheiros estavam camuflados. O 1o tiro de bazooka destruiu completamente o carro, tendo morrido todos os ocupantes. O 2o tiro destruiu parte do quartel, tendo morrido o administrador e muitos dos soldados que nele estavam a dormir. No dia seguinte aqueles que tinham escapado (soldados e pessoal administrativo) abandonaram MAVACO e foram para Vila Cabral.
2. Em 26 de Fevereiro, um grupo de soldados portugueses que saíam de CATUR, com destino à povoação de CHICHALE, caiu numa emboscada com minas anti-grupo preparada pelos nossos guerrilheiros. 15 soldados portugueses foram mortos e outros ficaram feridos.
3. Em 2 de Março, 2 grandes grupos de soldados portugueses conseguiram localizar e atacar uma das bases militares da FRELIMO, em MECANHELAS, no extremo Sul da Provincia do Niassa. Os nossos guerrilheiros opuseram forte resistencia, tendo morto 2 soldados e ferido um. Contudo, 6 dos nossos guerrilheiros foram mortalmente atingidos durante o ataque, e 9 foram feridos.

HISTORIA DO CAPITAO FANFARRAO COELHO ARAUJO
E DOS SOLDADOS DA BOINA VERMELHA

Era uma vez um capitao portuguez chamado David Coelho Araujo. Era um homem valente, que começou a sua carreira militar aos 20 anos, como soldado raso, e pouco a pouco, graças a louvores e condecorações, foi sendo promovido ate chegar ao posto de capitao. Ele lutou em Espanha durante a Guerra Civil de Espanha (ao lado dos fascistas). Esteve nos Açores durante a 2a Grande Guerra. E serviu como membro de um corpo expedicionario em Macau, em 1949. Ultimamente, ele era Comandante da Policia de Segurança Publica de Santarem (Portugal).

Em Julho de 1965 o capitao Araujo foi enviado para Moçambique, para a Provincia do Niassa. Ele comandava um grupo de soldados portugueses especialmente treinados na guerra anti-guerrilha. A marca desses soldados era uma boina encarnada e um grande punhal. Eles costumavam dizer que a faca era suficiente para lutarem contra os "bandidos" da FRELIMO, nao precisavam de espingardas.

Quando o capitao Coelho Araujo chegou a Vila Cabral, ele reuniu toda a população e fez um impressionante discurso, dizendo que ja tinha lutado em 3 guerras, esta agora seria a 4a, e portanto ele podia assegurar a população portuguesa que, em menos de 15 dias, ele ia "limpar" o Distrito do Niassa de todos os "terroristas" da FRELIMO. Ao mesmo tempo, para meter medo a população Africana, ele distribuiu milhares de panfletos que diziam: "Para o bem da FRELIMO - Homens da FRELIMO, atenção! Os homens da boina vermelha ja chegaram. Quando se dispersam sao perigosos. Quando se concentram sao mais perigosos ainda". etc.

Toda esta fanfarronice terminou dramaticamente: no 4o dia depois da sua chegada, o capitao Coelho Araujo saiu em missao de reconhecimento. O carro em que ele viajava caiu numa mina colocada pelos nossos guerrilheiros, em Nova Coimbra. O carro foi pelos ares. So sobrou do capitao uma perna e um braço, que foram enviados para Lourenço Marques.

E esta a sorte que hao-de sofrer todos os colonialistas portugueses, inimigos do povo Moçambicano.

ABRIL, 1966

FRELIMO